

A *VILLA* ROMANA, ENTRE A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA E A REALIDADE CONSTRUÍDA

THE ROMAN *VILLA*, BETWEEN THE LITERARY CONSTRUCTION AND THE BUILT REALITY

ANDRÉ CARNEIRO¹

CHAIA/UE

CECH/FLUC

✉: ampc@uevora.pt

Fecha de recepción: 4 / 10 / 2016 / Fecha de aceptación: 3 / 11 / 2016

ANALES
DE ARQUEOLOGÍA
CORDOBESA
NÚMERO 27 (2016)

RESUMO

Um dos termos mais correntemente utilizados na investigação arqueológica contemporânea reside no conceito *villa* romana. No entanto, quando analisamos a utilização deste termo na época que o criou, deparamos com algumas situações contrastantes: a epigrafia não o menciona, pois não existem ocorrências do termo; na literatura as definições do vocábulo são muito variáveis, e por vezes paradoxais; e na investigação arqueológica encontramos uma imensa variedade de sítios a que chamamos *villa*. Neste estudo procuramos perceber o modo como surgem as menções a *villae* na literatura latina e a evolução do conceito.

Palavras-chave: *Villa*; literatura latina; paisagem rural; arquitectura romana

ABSTRACT

One of the more widely used concepts in the archaeological vocabulary is the word *villa*. However, when we look at its use in the roman literature, we see major differences: in epigraphy its not used, and in literature it as a very wide scope, and sometimes conflicting. As a result, in the archaeological investigation the word *villa* is used to nominate a tremendous variety of archaeological sites. In this contribution we intend to see the roman concept and use in literary references throughout the centuries.

Keywords: *Villa*; roman literature; rural landscape; roman architecture

¹ Nos últimos anos tenho seguido uma linha de investigação que visa, partindo da descrição literária das *villae* e dos espaços de vida em meio rural em época romana, procurar analisar a materialidade arqueológica existente na *Hispania*, de modo a procurar compreender, de facto, como se procedia à vivência nestes ambientes. Deste modo, vários estudos têm sido publicados seguindo esta linha, e outros seguramente sê-lo-ão em breve.

AS VILLAE POR QUEM NELAS VIVEU: AS REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

A literatura latina foi produzida por uma oligarquia aristocrática que, independentemente do momento em que produz os seus textos, tem uma intenção bem clara: traçar um retrato da realidade que procura caracterizar e perpetuar um quadro ideológico conforme às suas necessidades e ambições. Além do mais, a sociedade romana é por natureza conservadora e apegada a valores de uma matriz convencional, nos parâmetros do que então se designava o *mos maiorum*, onde a intenção passa pela perpetuação, e não por qualquer tipo de mudança (MOLINA VIDAL, 2015, 21). Ora este facto é importante para nos alertar para duas situações: a posse da terra era mais vasta do que o mundo do *latifundium* veiculado à *villa*, contando com um pequeno campesinato livre e empreendedor que residia em outros tipos de habitação, desde as pequenas quintas e casais unifamiliares aos aglomerados rurais onde residiam várias famílias; e a organização socioeconómica do trabalho era também plural, visando níveis trans-regionais de inserção no mercado dos produtos (ou a exploração de *nichos de mercado* altamente rentáveis), para além da base que ocorria na *villa*, onde a componente autárquica era relevante, mas não exclusiva.

Em termos gerais, o contingente de textos clássicos que sobreviveram até nós e que contêm referências a *villae* podem ser condensados em dois campos fundamentais:

- O conjunto de autores conhecidos genericamente como *agrónomos*, ou seja, os tratadistas da vivência e exploração económica do meio rural;

- Autores que descrevem os espaços, ambientes e hábitos de vida no seu quotidiano pessoal, geralmente em contexto intimista de trocas epistolares.

Daí que não seja estranho vermos o modo como os distintos autores enfatizam as perspectivas que mais lhes interessam realçar: a funcionalidade, ou as formas de maximizar e rentabilizar segundo ideais canónicos a produção agrícola e pecuária da propriedade, no primeiro caso; e o conforto, pois as habitações apresentam dispositivos que maximizam a fruição da *villa*, com as descrições de espaços sumptuários, monumentais, cómodos e de representação do seu *dominus*. Ou seja, destes distintos autores emanam as duas concepções paradoxais do ideário latino: a *villa* como espaço de *negotium*, no primeiro caso; e a *villa* como espaço de *otium*, no segundo.

A VILLA ENQUANTO ESPAÇO PRODUTIVO

Para os *scriptores de re rustica*, a *villa* é um espaço idealizado. O propósito comum visa redigir manuais que optimizem a gestão agro-pecuária que, cumpridas as recomendações, funcionará de modo pleno. Em termos genéricos, o retrato por eles deixado – e também por Vitruvius que, no tratado *De Architectura*, dedica às construções rurais o capítulo VI do livro VI – é o de uma exploração ideal, e não de algo com uma concretização real: tratam-se de conselhos para que o proprietário possa atingir a rentabilidade máxima na exploração do seu domínio. Levando a leitura ao limite, temos uma *idealização descrita*, enquanto o segundo conjunto de autores nos deixa uma

descrição idealizada de espaços reais onde habitam e por onde circulam, embora com a implícita motivação de impressionar o leitor e de lhe transmitir sensações e arquétipos. Da mesma forma, as exortações dos *agrónomos* cumprem um outro ideal: o de criar uma concretização harmónica da integração *individual* da residência no espaço envolvente tal como, de acordo com os princípios helénicos, a *polis* (ou a *urbs*) deveria ser uma concretização harmónica da integração *colectiva* no espaço envolvente. Ou seja, tal como a *urbs* se funde e se dilui na paisagem que a emoldura, também a *villa* deve atingir esse ideal.

Sendo uma construção ideológica, a *villa* dos *agrónomos* latinos apresenta um conjunto de eixos comuns, e que estão presentes em todos os autores, mesmo considerando que viveram em distintos momentos: todas as propriedades vinculam-se a um *fundus* envolvente, e nesse sentido, todas são *villae rusticae*. Nesse aspecto, o primeiro autor (em termos cronológicos), Catão (Marcus Porcius Cato 234-149 a.C.) é o de retrato mais conservador, vinculando-se a uma tradição itálica onde a austeridade habitacional e a maximização do rendimento, obtida através do trabalho escravo não-especializado², são as imagens de marca. O *dominus*, residindo na *urbs*, é genericamente absentista, pelo que a habitação não necessita de comodidades, que aliás são dispensáveis face à imagem de rigor e austeridade preconizados. O foco está colocado na correcta administração, para a qual se propõe a típica *moderatio* latina: por exemplo, os domínios fundiários não devem ser demasiado extensos de modo a que não fiquem terrenos ao abandono, algo por vezes esquecido por investigadores que propõem uma paisagem preenchida por *latifundia*, à imagem do Alentejo actual³. Com o autor se-

guinte, Varrão (Marcus Terentius Varro, 116-27 a.C.) vemos a continuação desta linha, embora menos preocupado com o rendimento agrícola, visto que estamos a entrar em época de domínio imperialista e de ampliação das redes económicas e de abastecimento a Roma. É o autor cuja atenção mais se foca na parte residencial: a *villa* que propõe⁴ é retratada como um domínio opulento, embora com o foco primacial na vertente produtiva. Varrão cunha o modelo da *villa perfecta*, composta por uma elegante e ativa *pars urbana*, tendo uma *pars rustica* dotada de equipamentos para transformação das principais produções (azeite e vinho), e os edifícios de armazenamento, que incluem os celeiros (*pars rustica*). Esta tripartição constitui o paradigma que irá enformar a interpretação de tantos sítios arqueológicos, como no caso de Settefinestre⁵. Columela (Lucius Junius Moderatus Columella, 4 - c. 70 d.C.), que tem o interesse de ser um autor bético, dedica

² O modelo escravagista da *villa schiavistica* tem condicionado muitas das interpretações feitas sobre as *villae* objecto de escavação, em especial na península itálica, mas a sua comprovação arqueológica ainda não foi conseguida, conforme lembra Nicola Terrenato (2001, 24-25). Sobre o tema ver o capítulo próprio em Marzano, 2007, 125-153. Relembro que várias áreas funcionais para *villae* da *Lusitania*, como em Santa Vitória do Ameixial (Estremoz) ou Torre de Palma (Monforte) também foram feitas com esta leitura à letra dos textos de Catão, embora os trabalhos de prospecção que posteriormente foram realizados em toda a área regional envolvente destes sítios tenham vindo a demonstrar a existência de casais agrícolas e até, de povoados onde poderia residir a mão de obra livre que prestava serviço laboral aos territórios das referidas *villae* (CARNEIRO, 2014).

³ CARNEIRO, 2010.

⁴ *Res Rusticae*, I. 11.2. - I. 13.7.

⁵ A primeira *villa* escavada em toda a sua extensão, integralmente publicada e interpretada, sendo contudo evidente que os paradigmas da *villa* catoniana e varroniana emolduraram muitas das leituras propostas por Andrea Carandini (1985).

pouco relevo ao domínio residencial, centrando-se na vertente produtiva, enquanto o autor mais tardio, Palladio (Rutilius Taurus Aemilianus Palladius, finais do s. IV/inícios do V d.C.), centra a sua atenção na inserção paisagística da exploração. Nesta época temos a substituição do termo *villa* pela palavra *praetorium*, na sua origem uma designação de carácter militar: um sinal dos tempos, possivelmente, mais do que significando a existência de *villae* fortificadas. Note-se ainda que a sua proposta tende ao autarcismo, sugerindo que se reúnam diferentes artesãos para que a propriedade tenha perfeita auto-suficiência; embora se deva considerar o evidente conservadorismo palladiano, não deixa de ser irónico que em época tão avançada se regresses ao paradigma do *oikos* de Ulisses.

Reunindo estes autores em visão de conjunto, torna-se relevante realçar alguns aspectos. Primeiro, que estamos perante um circuito fechado: são textos que se des-

tinam à classe senatorial, ou seja, escritos por membros de uma elite para os restantes membros dessa elite. Daí que a *villa* descrita seja uma construção ideológica arquetípica, vista como um núcleo de virtudes idealizadas. Em seguida, subentende-se que a *pars urbana* vai sofrendo alterações no sentido da sua progressiva monumentalidade: o retrato de uma casa espartana, sem concessões ao conforto, segundo Catão, surge em Varrão como uma casa elegante e cómoda, a sede da *villa perfecta* que labora e conforta em igual medida⁶. Por último, a descrição dos equipamentos agro-produtivos (a designada *villa rustica*) é mais pormenorizada do que a dedicada ao espaço residencial principal (a *villa urbana*). No fundo, é esse o propósito comum: enaltecer a *villa* enquanto espaço de encontro do cidadão romano consigo próprio, na perspectiva do regresso aos valores éticos próprios da latinidade. Simplicidade, pragmatismo e funcionalidade são os conceitos fundamentais aplicados aos domínios fundiários, pois a *villa rustica* e o labor agrícola que a sustenta é algo mais do que o meio de obtenção de rendimentos: é a fonte por excelência dos proveitos económicos excelsos e distintos, que nada têm a ver com a incerteza dos ganhos financeiros, sempre instáveis e especulativos, ou das actividades comerciais, vistas com desconfiança e associadas a valores interesseiros. A agricultura, ao invés, implica o esforço e a dedicação constantes, além de uma harmonia com as forças da natureza que conduzem o Homem à nobreza⁷: todos os senadores deveriam ser proprietários rurais, pelo que a *villa* é proposta como um reflexo arquitectónico do pragmatismo e humildade que o *possessor* deveria deter. A casa como espelho do proprietário que a concebe, constrói e mantém, ou a *villa rustica* como expressão maior da alma itálica⁸.

⁶ Neste sentido, Columela adverte para o facto de uma *pars urbana* confortável motivar o seu *dominus* para mais frequentes visitas à sua exploração, e assim poder seguir o curso dos trabalhos agrícolas de modo mais eficaz: *De Re Rust.* 1.4.8: *poó portione etiam facultatium quam optime pater familiae debet habitare, ut et libentius rus veniat et degat in eo iucundius.*

⁷ Essa harmonia podia implicar a dimensão religiosa, podendo assim ser lidas algumas epígrafes que solicitam a protecção às divindades ou às forças da natureza. Veja-se, para a *Lusitania*, a epígrafe de *Marcus Coelius Celsus* com representação de Marte, que possivelmente está figurado na sua vertente fecunda e protectora (IRCP nº 568; ver também CARNEIRO, 2009-2010, 248-249). Um caso paradigmático reside na inscrição apotropaica em dois pesos de lagar norte-africanos: BRUN, 2004, 208. Infelizmente, são mal conhecidos arqueologicamente os templos rurais, cuja identificação permitiria contrastar as informações que por vezes surgem descritas nas fontes (por exemplo, Plínio, *Ep.* IX, 39).

⁸ "those estates and houses were the very basis, not only of his wealth, but of the status that went with it. By

A VILLA ENQUANTO ESPAÇO DE FRUIÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Os autores que descrevem os espaços onde habitam, ou que frequentam enquanto visitantes, dão-nos um retrato distinto das *villae*. São residências de descanso e de retiro face ao bulício da *urbs* onde, com tranquilidade, o *dominus* pode contemplar a paisagem envolvente e assim unir-se de novo aos valores primaciais da natureza⁹. Com o tempo, contudo, estas casas irão tornar-se progressivamente espaços de recepção de convidados, em comum com o proprietário têm a pertença à mesma elite social, reforçando no contexto privado os laços e as alianças transpostos da urbe. Em consequência, as residências serão dotadas de espaços cada vez mais amplos, com dispositivos cénicos espetaculares e um aparato decorativo cada vez mais elaborado. Temos assim a passagem de uma residência campestre isolada e de retiro para lugares semi-públicos, acessíveis a uma oligarquia cujo *convivium* é fundamental para assegurar a manutenção das relações identitárias.

Contudo, em momentos mais recuados a *villa* é-nos retratada como um espaço frugal, conforme à descrição que dela os *agrónomos* nos deixaram. Como foi referido, estes retratos têm intenções propagandísticas: não é portanto estranho que Aulo Gélío¹⁰ escreva que Cação, aos 70 anos e mesmo com os rendimentos e prestígio obtido na sua vida pública, residisse numa pequena *villa* onde, ao contrário das modas do seu tempo, não havia revestido as paredes com estuques policromos.

A percepção da residência campestre como lugar de descanso e de retiro de um homem urbano nasce na península ática pois,

no século V a.C., Platão¹¹ testemunha-nos que a aristocracia urbana povoava os terrenos em torno de Atenas com “belas e espaçosas mansões, mobilando-as em conformidade” e que “muitos cidadãos já não se deslocavam à cidade, nem mesmo nos dias de festa, preferindo viver nas suas casas particulares”. Nos campos itálicos, este processo de construção em meio rural ao gosto urbano irá iniciar-se três séculos mais tarde, estando até então travado pela insegurança nos campos, apenas erradicada no final das Guerras Púnicas. O contacto com as comunidades helénicas na baía de *NeaPolis*, onde este processo se inicia, será decisivo, e para o conhecermos, o melhor testemunho provém de Cícero (Marcus Tullius Cicero, 106-43 a.C.).

O grande tribuno de finais da República foi proprietário de nove *villae* na região campaniense, das quais nos deixou descrições e referências em cartas e discursos¹². Lendo o seu testemunho percebe-se como as *villae* se tornaram, não apenas no espaço de repouso individual, mas no lugar de recepção dos convidados: o facto da elite romana ter as suas residências de campo na baía napolitana permitia que, mesmo fora da *urbs*, se mantivessem e reforçassem as relações pessoais, para as quais as visitas mútuas assumiam um papel fundamental (a chamada *peregrinatio*). Este momento é decisivo na evolução do conceito-*villa*, porque se a geração anterior havia

the same token, though undoubtedly a retreat in some senses, they were not a retreat from “real” life; on the contrary, “real” life was represented by them and by the work which went on within and around them.” (PERCIVAL, 1996, 66).

⁹ “[...] places to cultivate the mind as well as the fields”, na feliz expressão de Annalisa Marzano (2007, 84).

¹⁰ *Noites Áticas* XIII, 24.

¹¹ *Rep.* IV, I [Tradução adaptada].

¹² Para a completa percepção de todo este universo é fundamental a consulta de Jonathan D’Arms (1970).

procedido ao início da monumentalização arquitectónica dos edifícios, estes passam a ser percebidos como formas de manifestação da riqueza e poder pessoal do *dominus*. Públio Cornélio Cipião, o *Africano*, vivia na sua residência de *Liternum* de modo austero¹³, mas Mário adquiriu a antiga *villa* de Cornelia, a mãe dos irmãos Graco, junto a *Misenum*, transformando-a numa casa “cara [...] e luxuosa, mais do que o conveniente a um comandante de guerra”¹⁴. Na geração de Cícero, contudo, o edifício deixou de ser motivo de admiração a partir do exterior, pois os portões franquearam-se para que membros da mesma aristocracia por eles circulem, no fenómeno de visitas inter-*villae* que o próprio denomina de *peregrinatio*. A *villa* deixou de ser um espaço estritamente privado, para ser dotada de ambientes propícios ao *convivium*. O banquete torna-se ritualizado e enriquecido com momentos culturais, seja uma recitação poética ou uma peça musical. Para que tal aconteça com total plenitude, os espaços vão tornar-se maiores, com melhores condições de conforto, e com um aparato decorativo elaborado.

Com Cícero vemos ainda outro fenómeno: o modo como, detendo várias *villae*, cada uma assume dimensões específicas. Cícero encarava a posse de domínios fundiários como uma forma de investimento, e por isso comprava

e vendia as propriedades com frequência (via-se um momento de grande especulação imobiliária), pelo que nunca deteve as suas nove *villae* em simultâneo. Mas cada uma tinha um papel diferente: em *Arpinum* estava a residência da família *Tullii*, onde Cícero tinha o seu refúgio privado, junto ao memorial dos antepassados; a *villa* de *Cumanum*, designada carinhosamente como *Academia*, foi o local onde ofereceu aos convivas os espectáculos musicais e os serões literários, assim designada por reproduzir os jardins e a Academia da Escola Platónica¹⁵; a casa de *Tusculum*, que antes pertencera a Sila, era uma residência de grande aparato, um verdadeiro palácio onde Cícero criou uma galeria de arte com as mais variadas esculturas e preciosidades¹⁶. Por sua vez, nas *villae Pompeianum* e *Puteolanum* podia desfrutar da proximidade ao mar, sendo exemplos de *villae maritimae*. Finalmente, da sua *villa* de *Formium* queixa-se das constantes visitas, a tal ponto que “mais parecia uma basílica”¹⁷. De modo eloquente verificamos como a vocação da *villa* se alterou definitivamente: é agora o lugar onde os conteúdos se destinam, não apenas à fruição do proprietário, mas também dos visitantes. Uma dupla função, de espelho, na qual os conteúdos e imagens são percebidos por quem nelas entra de modo a criar impactos cuidadosamente escolhidos pelo seu *dominus*.

¹³ Séneca, *Epistulae Morales* 86.

¹⁴ Plutarco, *Vidas Paralelas: Marius* 34.

¹⁵ *Ad Atticus* I,4,3.

¹⁶ Um pormenor mostra-nos como estes espaços eram cuidadosamente decorados de modo a que os visitantes compreendessem a multidividência cultural do *dominus*: uma epístola em que Cícero se queixa do modo descuidado como foram adquiridas em seu nome duas estátuas de Bacantes e de Marte, absolutamente inapropriadas para o contexto: *Fam.* VII. 23.

¹⁷ *Ad Atticus*, II, 14, 2.

¹⁸ Varrão, *R.R.*, I. 13. 7

A MONUMENTALIZAÇÃO: VILLAM URBANAM QUAM MAXIMAM AC POLITISSIMAM¹⁸

A geração que vive a partir do final da República é detentora de *villae* que competem entre si pela sumptuosidade e grandiosidade

dos espaços. Cada vez mais, as residências imperiais tornam-se o paradigma a emular, sejam a *villa Tiberiana* em Capri ou a *Domus Aurea* e a *villa* do Lago Nemi de Nero, a partir das quais se difundem os protótipos arquitectónicos e artísticos, ou as mais ousadas soluções que procuram criar o espanto em quem as contempla. Em meados do século I d.C. Varrão, na passagem reproduzida em epígrafe, lamenta o modo como os cidadãos competem entre si na busca de residências cada vez mais elaboradas, pelo que o fenómeno não consiste apenas na emulação da elite imperial, mas na competição intra-classe.

A melhor testemunha para conhecermos o desenvolvimento do processo é Plínio-o-Jovem (Gaius Plinius Caecilius Secundus, 61/62-113 d.C.), que nos deixou nítidas descrições de algumas das suas casas, com a vantagem acrescida de uma delas, a *villa in Tuscis*, ter sido objecto de escavações arqueológicas¹⁹. Curiosamente, a informação proveniente destes trabalhos permitiu perceber que o investimento pliniano ter-se-á concentrado mais na *pars rustica* e na produção de vinho (parte do *fundus* foi plantado com vinhas durante esta fase) do que em remodelações da área edificada, contrariando as descrições epistolares e mostrando como estas continham elementos de retórica que consistem mais em fórmulas literárias do que em situações reais²⁰.

O mesmo fenómeno pode ter-se verificado em outra propriedade: Plínio elogia o conforto da sua *villa Laurentina*, que por estar apenas a 17 milhas de Roma permitia que ao final do dia, depois de tratar dos assuntos urbanos, ali pudesse pernoitar²¹. Também são conhecidas as residências junto ao lago

Como, de onde era natural, e que carinhosamente tratava por suas “delícias”²². Lendo as descrições dos espaços arquitectónicos, feitas por vezes com elevado detalhe, dois aspectos devem ser salientados: a multiplicidade de divisões que cumprem funções específicas, observando-se como são cuidadosamente planeadas para que concedam ao proprietário o maior conforto; e as designações em étimos gregos, mostrando o modo como os protótipos são helénicos.

Em *Laurentium* Plínio detinha uma *villa maritima*, e a relação visual com o oceano assume um papel fundamental, não apenas na fruição passiva da paisagem, mas no modo

¹⁹ Braconi e Uroz, 1999. Ver também as considerações expressas no inventário de Annalisa Marzano, 2007, 110ss e catálogo, U23.

²⁰ Embora de todas as propriedades esta seja a menos descrita por Plínio, mesmo assim é o tema principal na carta dirigida ao seu amigo *Domitius Apollinaris* (*Ep.* V. 6). O autor não menciona de todo a *pars rustica* que as escavações permitiram conhecer, mas refere-se às produções que eram exportadas para Roma através de barcos, pelo Tibre, assim como aos vinhedos que envolviam a casa. Aliás, o autor por diversas vezes menciona o modo como a casa foi desenhada para otimizar pontos de contacto visual e de contemplação com o exterior, embora também não se mencionem muitos pormenores arquitectónicos da *pars urbana* (descrita com muito menos pormenor que a *villa Laurentina*, por exemplo), apenas a atmosfera de tranquilidade que o autor nela vivenciava. Fica patente que seria uma *villa* com elevada componente de *negotium*, embora Plínio exalte o modo como era propícia ao lazer e à leitura e mencione a prática de *venationes*. Sendo a propriedade que Plínio detinha mais distante de Roma –150 milhas– percebe-se que o autor aqui passasse temporadas mais prolongadas.

²¹ *Epist.* II, 17, I. Como adiante se discute, esta proximidade campo/cidade é paradoxal face ao refúgio de descanso que a *villa* representa. Talvez se trate de um *topos* literário comum, pois até um autor de um âmbito tão distinto como Suetónio, na sua *Vida dos doze Césares*, alude em duas ocasiões (Tib. XI, 1; Ner. XLVIII, 1) ao sossego e retiro que se desfruta na residência de campo.

²² *Epistol.* I. III.1: *Quid agit Comum, tuae meaquae deliciae?*; IV, 6.

como é inspiradora para a produção intelectual. Para tanto, Plínio construiu espaços que propiciam o *otium litteratum*, minuciosamente descritos, como a *bibliotheca*, o *heliocaminus*²³ ou a *apotheca*. Infere-se que seria uma *villa* de piso único, sem escadas, de plano longo e estreito, de modo a contemplar o mar, e dispondo de uma larga varanda (*zotheca*). Na casa existiam cerca de uma dezena de quartos, sendo que alguns são divisões onde Plínio podia reflectir e desfrutar de algum recolhimento. Dois corpos separados do edifício principal tinham a função de *belveder*, de terraço para contemplação da paisagem. Para seu uso exclusivo fez construir um pavilhão (*diaetae*) onde, desfrutando de uma atmosfera idílica, poderia ler e escrever na maior privacidade. Finalmente, a residência dispunha dos habituais banhos e piscinas.

A sua propriedade de *Tifernum*, a *villa in Tuscis*, é de uma natureza distinta. Estamos nas paisagens acidentadas da Toscana, contemplando o Tibre. Com bosques idílicos na envolvente, beneficia de fontes e jogos de

água, para criar atmosferas térmicas propícias, úteis em região de verões ardentes. As águas são canalizadas para um luxuoso edifício termal, que o autor descreve com evidente deleite²⁴. Quanto ao edifício principal, o elemento mais marcante é a justaposição de distintos pavilhões (*diaetae*), unidos entre si por pórticos e corredores cobertos, envolvidos por um jardim luxuriante. Cada um destes pavilhões cumpria distintas funções, e por isso tinham diferentes volumetrias e dimensões arquitectónicas. Manifesta-se assim algo visível em algumas pinturas murais conservadas: a busca pelo efeito visual da diversidade, preferível à unidade global do edificado. A *villa* tem espaços descontínuos e multiformes, uma noção que deve estar presente na análise planimétrica resultante de escavações arqueológicas. A concepção do conjunto permite que existam espaços privados (*cubicula*), como a sala de refeições exclusiva da família, e outros acessíveis aos visitantes, como um *triclinium* de inverno e um *triclinium aestivalis*. Junto ao edifício existia um hipódromo privado, do qual o autor enaltece o pavilhão com colunas em mármore, onde também desfrutava de refeições. Note-se contudo, que é recorrente o desânimo pliniano pela necessidade de obras em algumas casas, o que evidencia as dificuldades de manutenção das propriedades²⁵.

Todavia, para conhecermos um outro aspecto, temos de procurar em outro autor, pois Plínio nos diz que em matéria de arte não se colocava entre os maiores conhecedores. Assim, é no contemporâneo Estácio que vemos descrições das decorações sumptuosas, utilizando cópias de estátuas dos escultores gregos de referência, como Policleto, Fídias ou Myron, além de galerias de escultura e de pintura, decorações em materiais exóticos

²³ CARNEIRO, 2014b, 225; SHERWIN-WHITE, 1998, 197.

²⁴ Com o governo de Nero a cidade de Roma é equipada com um conjunto de edifícios termais de grande monumentalidade e conforto. No século seguinte este fenómeno começa a ser reproduzido nas residências privadas em meio rural, assistindo-se à reformulação dos pequenos espaços termais de matriz augustana, inseridos na residência principal, por edifícios próprios e autónomos, cada vez maiores, sumptuosamente decorados e sectorizados para cumprir as recomendações de Galeno (sauna, banho tépido, banho frio e zona de massagens). O papel dos banhos enquanto espaço de *convivium* reforça-se: embora a passagem seja problemática na interpretação, podemos supor que no *Satyricon* (26.10), Trimalquião recebe os seus convivas no espaço do *balneum*, e a meio da refeição desfrutam de um banho quente, enquanto outro *triclinium* é limpo e arranjado para prosseguir a refeição.

²⁵ *Ep.* VI, 3; VI, 30.

como marfim e mármore raros ou o gosto pelos dourados exuberantes²⁶. Embora tendo em consideração os exageros de uma obra lírica e de tom panegírico, nas descrições da *Villa Tiburtina* de Manílio Vopisco²⁷ ou da *villa Surrentina* de Polio Felix²⁸ temos o fausto descrito de uma forma “provocadora”, na medida em que simboliza o paradigma de uma nova forma de *art de vivre* que rejeitou em absoluto o paradigma catoniano²⁹. Esta talvez seja a maior ruptura que o período entre Augusto e a dinastia flaviana revela: a *pax romana* permitiu a plena fruição dos campos, feita de um modo opulento e sumptuoso.

O processo avança de modo imparável. Tendo poucos testemunhos literários para o século II, mesmo assim percebemos como os paradigmas se consolidaram, emanando dos protótipos imperiais, como o célebre caso da *villa* de Adriano³⁰. Mas além do fausto que se procura copiar, o processo de monumentalização dos campos faz pressupor um outro movimento, subliminar e irónico³¹: a transferência do luxo e comodidades das casas urbanas para o ambiente rural pode ser um reflexo, afinal, da incomodidade das elites se adaptarem à vivência urbana, preferindo retomar o contacto com o campo que moldou a vivência dos antepassados. Será por isso que na metade oriental do Império o “padrão-*villa*” nunca se consolidou, ou que é precisamente na *Hispania* e na *Galia*, e nas suas regiões menos urbanizadas, que as grandes *villae* serão construídas durante o século III. Enquanto casas urbanas no campo, as *villae* são também uma manifestação de elites que nunca se adaptaram à urbanidade, e nesse sentido não se *transportaram* inteiramente para as cidades. Portanto, mais do que o transporte da cultura urbana para o meio rural (como os investigadores actuais enfati-

zam), devemos ver o reflexo de uma cultura que nunca se urbanizou e que trouxe para o mundo rural o que de melhor a cidade possui³². A *villa* enquanto *locus amoenus*, local sincrético de fusão entre a natureza envolvente e a comodidade urbana, caminha para o seu total esplendor.

O APOGEU: SECESSUS IN VILLAM

Por estes motivos as *villae* surgem-nos como os verdadeiros palcos das dinâmicas quotidianas, centros de vida e das práticas do

²⁶ Publius Papinius Statius terá vivido entre 45 e 96 d.C., deixando-nos vivas descrições da sua região natal, em torno à actual baía de Nápoles, na heterogénea colecção de poemas intitulada *Silvae*. Desta forma, o valor da sua obra é acrescido pelo facto de os seus textos poderem ser paralelizáveis com os ambientes descritos por Cícero, que também retratou *villae* situadas nessa zona. Sobre Estácio, ver uma análise exaustiva (NEWLANDS, 2004).

²⁷ *Sil.* I, 3.

²⁸ *Sil.* II, 2.

²⁹ O termo “provocative” realçado no texto principal é utilizado por Carole E. Newlands, que sublinha: “In Statius’ villa poetry luxury is celebrated as a sign not of moral decadence but as an essential component of moral virtue and philosophical value” (p. 126), na medida em que permitem a plena assumpção dos ideais poéticos.

³⁰ Conseguiu-se comprovar que quando Adriano construiu a sua *villa* no Tibur, as propriedades envolventes entraram numa dinâmica de embelezamento e de acréscimo de monumentalidade que demonstram uma actividade edilícia considerável. Claro que este fenómeno de *emulatio* também tem outras motivações, como o facto de se construírem infraestruturas viárias ou portuárias para facilitar o acesso: por exemplo, a citada *villa* de Adriano funcionou como lugar de *consilium Principis*, pelo que a estrada foi integralmente reconstruída, permitindo maior mobilidade na região.

³¹ PERCIVAL, 1988, 72-73.

³² Por estes motivos não podemos verdadeiramente considerar a “crise urbana” no século III ou a “decadência das cidades” tardo-antigas, embora este seja um tema que no âmbito do presente artigo não cabe desenvolver.

convivium, quando regressam as descrições literárias, o que sucede a partir do século IV. Como demonstrou Isabelle Morand, o tempo passado nos retiros rurais permite o estudo e prepara o “caminho das musas”³³. Prossegue-se a visão pliniana da *villa* enquanto local de retiro propício para o estudo e erudição, mas acrescenta-se uma dupla visão nascida de um mundo em acelerada mudança: o alastramento das filosofias neo-platônicas produz a necessidade do isolamento e da introspecção que visa a plena sabedoria mas, e de modo paradoxal, estes lugares são também casas semi-públicas de recepção de outros membros das elites aristocráticas, o “forum made private” na magistral definição de Peter Brown³⁴. O século IV é um momento paradoxal, onde por um lado vemos a ascensão definitiva do cristianismo enquanto fenómeno de transcendente importância para o devir histórico, mas simultaneamente, vemos um *refluxo neoclássico* de contornos conservadores e nostálgicos, onde se combina o paradigma campestre virgiliano com a mundividência pagã do culto aos deuses antigos e as referências aos arquétipos culturais do mundo mediterrânico. Este universo complexo mescla, por exemplo, os primeiros edifícios de culto cristão com os mosaicos representando as divindades ou os heróis arcaicos, e na literatura percebemos o modo como se oscila entre os universos “idílicos” e as visões neo-ascéticas. Por estes motivos se representam figuras que unem estes mundos,

³³ Sobre o tema consulte-se Isabelle Morand, 1994, e para a mesma área geográfica veja-se também o trabalho de Catherine Balmelle, 2001.

³⁴ 1992, 273.

³⁵ LOMAS SALMONTE, 1990: 277.

³⁶ Para uma biografia de Ausonio e sua contextualização no quadro da aristocracia aquitana, ver Sivan, 1993.

como Orfeu, Baco ou as Musas, mostrando a harmonia entre o mundo natural e a mente humana, ou os valores da cultura, da oratória e da espiritualidade.

Durante estes séculos o género epistolar e as composições poéticas permitem-nos ter, de viva voz, um conjunto de descrições que são retratos idealizados: “no hay lugar [...] para las preocupaciones sociales, económicas, fiscales, políticas o religiosas”³⁵, como se escreveu a propósito de Ausonio, mas que pode ser extensivo a todos os autores.

Graças a um notável conjunto de intelectuais, conseguimos perceber bem como este fenómeno ocorre nas *villae* da *Aquitania* entre o século IV e o V. Entre eles destaca-se Ausonio (Decimus Magnus Ausonius, c. 310-c. 395), que deixou detalhadas descrições da sua terra natal, em especial das *villae* ao longo do *Mosella*, a sua *patriam nidumque senectae*. Olhando para os seus textos, talvez o facto mais notável a destacar seja que a fruição do *otium* nas *villae* deixou de ser um exclusivo das elites itálicas, para agora ser vivenciado da mesma forma por todo o Império, demonstrando-se assim o profundo grau de assimilação e integração dos valores clássicos que alastrou por toda a metade ocidental. Este facto não deveria ser surpreendente: a biografia do próprio Ausonio (que nunca visitou Roma) mostramos como alguém nascido e educado fora da península itálica se tornou especialista em literatura e retórica latina –ou seja, uma disciplina que em momentos anteriores era exclusiva de itálicos–, ao ponto de se tornar tutor do futuro imperador Graciano³⁶. Neste período, é nas *villae* fora da península itálica que encontramos as mais eloquentes formas de demonstração da mundividência

clássica e de entrosamento com os valores da *oikoumene* mediterrânica: no século IV a integração das elites fundiárias neste universo é absoluta, e cada *villa* expressa de modo pleno a forma como o seu *dominus* manuseia e materializa estes conceitos. A legislação de Constantino, que permitiu e incentivou a que os *clarissimi* residissem em permanência nas propriedades rurais, acentua este fenómeno, embora os laços com a cidade nunca fossem cortados, ao contrário do que geralmente se escreve e do que os textos da época enfatizam, sendo o próprio Ausonio testemunha desse facto: “*transeo et alternis rure vel urbe fruor*”, escreveu³⁷.

Os seus textos permitem perceber o quotidiano de um homem profundamente atraído pela vida bucólica (no sentido virgiliano) do termo, que só o retiro campestre oferece: levanta-se, lava-se, veste-se, faz as suas orações³⁸, lê e dita as suas cartas ao *Puer, notarum praepetum / Sollers minister*, e recebe em audiência os seus clientes. Em seguida, ordena e supervisiona pessoalmente a preparação das refeições com os seus amigos convidados, nunca em número superior a sete para evitar a agitação excessiva³⁹. Como foi realçado por Lomas Salmonte⁴⁰, a profusão de referências gastronómicas nos seus textos, em especial ao vinho bordelense, mostra-nos o modo como o momento da *cenatio* continua a ser fulcral nos momentos de recepção e convívio, onde não faltam iguarias requintadas e produtos importados. A refeição é o momento do debate, da discussão de temas literários, para os quais os convivas dão antecipadamente conta nos seus escritos, reproduzindo-se assim o fenómeno da *peregrinatio* entre *villae* que Cícero nos havia transmitido. Da baía de Nápoles para a Aquitânia, os códigos mantêm-se e reforçam-se.

De modo rigoroso, apenas podem ser atribuídas a Ausonio quatro propriedades rurais⁴¹. Ao contrário dos seus antecessores, o autor não nos deixa descrições arquitectónicas ou relatos pormenorizados dos espaços e decorações⁴². Mesmo assim, a sua obra é preciosa para a análise do quotidiano e da vivência em ambiente campestre. Das suas casas, é prolixo na descrição de uma *villa* não nomeada, mas sempre designada com o carinhoso qualificativo de *herediolum*, porque a recebeu em herança. Elogia a proximidade à cidade, na linha do que Plínio havia mencionado como o factor ideal para a localização das *villae*, pois suficientemente próximo da cidade para uma deslocação cómoda, embora dela distante, para não ser perturbado com o barulho e o bulício urbano. E sobretudo, a fecundidade: das águas, quer do rio, quer das fontes, e das terras, nas quais a produção é tão elevada –apesar da pouca área sob exploração, apenas 200 *iugera*– que os armazéns ficam com stocks que cobrem dois anos⁴³. A outra propriedade

³⁷ | *De Hered.* 29-32. Campo e cidade são entendidos como espaços que se complementam, pois cada um oferece vantagens distintas. Por esse facto, e para facilitar o trânsito entre ambos, convém que a residência campestre não fique distante da cidade, retomando-se assim a recomendação pliniana. Por estes motivos, o isolamento enaltecido por autores como Ausónio ou Sidónio foi ironicamente apelidado por Sarah Scott de “fraude” (2004, 53), pois na realidade estes “refúgios rurais” encontravam-se em próxima conexão com as cidades.

³⁸ | Sem alfaias litúrgicas, pois “as palavras e orações são suficientes”.

³⁹ | Conjunto de referências em *Ephemeris* II. O número faz-nos intuir que existiria um *stibadium*.

⁴⁰ | 1990, 281, com referências específicas.

⁴¹ | SIVAN, 1993, 69.

⁴² | Sobre o tema, e apesar dos contributos mais recentes, em especial relacionados com as tentativas de identificação concreta dos locais (SIVAN, 1993, 63-69, em especial nota 92) continua a ser imprescindível o estudo de Pierre Grimal (1953).

⁴³ | *De Herediolo*: 21-34.

referida é designada como *Lucaniacum*⁴⁴, à qual era mais cómodo aceder por via fluvial, e onde o poeta coloca uma estátua em mármore, dando continuidade a uma antiga tradição de carácter semi-público, mostrando-se assim o modo como coexistiam as tradições pagãs com a autoridade cristã.

Mais parca em descrições dos espaços interiores, a obra de Ausonio é relevante pelas sensações que transmite e por nos permitir perceber como, em momento de viragem, as figuras da alta aristocracia continuam a cultivar a leitura dos clássicos e do imaginário pagão, numa atitude surpreendentemente conciliadora com o cristianismo em conso-

lidação (o próprio tinha pagãos entre o seu círculo de amigos). E que melhor lugar para a leitura, a discussão e a criação literária e poética do que o domínio fundiário, onde, na tranquilidade bucólica do campo, se podem receber os amigos e com eles debater os conteúdos literários? A importância do *convivium* é visível nas epístolas de Ausonio, e no modo como se enfatizam as saudades dos que há muito não o visitam⁴⁵.

Outras descrições surgem pela mão do seu contemporâneo e amigo Quinto Aurélio Simaco⁴⁶ (Quintus Aurelius Symmachus, c. 345-402), que, embora menos generoso nas descrições, nos permite perceber como a *villa* era o local por excelência do *otium litteratum*. Simaco esteve no centro das relações de poder do seu tempo, desempenhando importantes cargos entre a África proconsular e Roma, e procurando consolidar a sua posição na corte imperial através, também, dos seus panegíricos e discursos, que são peças essenciais para percebermos os meandros do poder em momento tão conturbado. Todavia, é nas epístolas que encontramos alguns dados relevantes para conhecermos a vivência nas *villae*. Simaco era um homem de considerável riqueza familiar, tendo sido dono de pelo menos doze propriedades na península itálica, incluindo algumas na baía de Nápoles, para além de outras posses na Sicília e Mauritânia, que lhe davam mais encargos e preocupações pela dificuldade de as gerir de forma próxima. Embora surjam periódicas referências à necessidade de rentabilizar a exploração das propriedades⁴⁷, é evidente o que significa a vivência nas *villae*: o prazer da leitura⁴⁸ e da escrita, o desfrute da paisagem retemperadora, o divertimento da caça⁴⁹ e o momento dos banquetes⁵⁰.

⁴⁴ | *Ep.* XIV, 36; XXII, 1, 11; 2, 44; XLVIII, 7.

⁴⁵ | Particularmente interessante o caso de Teon, várias vezes citado nas epístolas (em especial *Ep.* XIV, XV, XVI): personagem extravagante que habita nos confins da Garonne em “pobre cabana” (*Ep.* XIV: *vilis harundineis cohibet quem pergula tectis et tinguit piceo lacrimosa colonica fumo?*), e que Ausonio, para além de recriminar a fraca criação poética de “plúmbeos versos”, acusa de passar mais tempo entretido nas *venationes* e actividades lúdicas ou na caça de ladrões que existiam na sua região. Podemos ter aqui o paradigma de um “homem forte” mais interessado pelas actividades de carácter físico e militar, embora o gosto sumptuário se mantenha, como é evidente na oferta de ostras a Ausonio.

⁴⁶ | Na impossibilidade de consultar o estudo fundamental de Domenico Vera sobre as suas propriedades, foi utilizada a monografia de Sogno (2006). Veja-se também a relação contida em SFAMENI 2006, 62-63.

⁴⁷ | É bem conhecida a sua frase alusiva ao facto de “o campo, que costumava dar alimento, ter agora de ser alimentado” (*Ep.* I, 5.).

⁴⁸ | Por exemplo, em *Ep.* I, 24, dirigida a Ausonio, refere-se a oferta de uma cópia da *Historia Natural* de Plínio.

⁴⁹ | *Ep.* V, 68.

⁵⁰ | Embora a *villa* de Formia tenha sido utilizada em 397 com outra finalidade: o reposo face a uma grave enfermidade (*Ep.* VI, 77; VII, 73 e 74).

⁵¹ | Várias cartas mencionam a propriedade em Tibur (actual Tivoli), próximo de Roma e onde Símaco residia quando tinha de estar próximo da capital, deslocando-se de barco pelo rio.

Para o pleno usufruto deste quotidiano, por vezes próximo mas suficientemente distante da cidade⁵¹, é necessário prover ao embelezamento dos espaços e ambientes. Simaco dá conta de alguns melhoramentos que promove nas suas *villae*, como os revestimentos em mármore, feitos com tanta perfeição que se julgaria uma única peça. Ou as colunas, compradas a um preço irrisório, mas tão perfeitas que poderiam ser de mármore da Bitínia⁵². Apesar do incómodo que as obras significam para a tranquilidade, o melhoramento das propriedades é fundamental para o conforto e comodidade pretendidos⁵³. É nesta atmosfera que se processa o quotidiano pretendido: a leitura, tão intensa que por vezes o afasta da escrita; as visitas a outros eruditos, a *peregrinatio* essencial para as trocas de cópias de trabalhos, mas também para as refeições no campo ou para os banquetes nos ambientes áulicos, onde a conversa e o debate reforçam os laços sociais. Um quotidiano onde o retiro no campo permite de forma plena o *otium litteratum* e a fruição da paisagem e das relações humanas.

Este ambiente perdura no tempo. Tendo vivido em época que na tradição historiográfica se associa à queda de um universo, as descrições de Sidónio Apolinar (Gaius Sollius Apollinaris Modestus, c. 430-489) são de surpreendente continuidade: prossegue um quotidiano imperturbável de serões literários em *villae* fastuosas e de grande aparato⁵⁴. É certo que, mais uma vez, pairam as fórmulas retóricas plinianas, o que leva a crer que certas passagens são meros artifícios retóricos, mas torna-se evidente que a harmonia arquitectónica, o conforto, a plena integração na paisagem envolvente, da qual a *villa* faz parte e de cujo interior se desfruta a contemplação, e os dispositivos que permitem o *otium*

litteratum, continuam bem presentes como preocupações fundamentais para o *dominus*.

Sidónio deixou-nos descrições de duas *villae*: a sua própria, de *Avitacum*⁵⁵, e a visita à residência do amigo *Pontius Leontius*⁵⁶. No primeiro caso, o local corresponde em pleno ao clássico arquétipo de uma *villa*, aparte o espaço da capela integrada no edifício principal. Toda a casa é desenhada para o conforto, estando equipada de pórticos, colonatas, bibliotecas, uma sala com *stibadium* e o edifício termal, que inclui uma *natatio* alimentada pela água de um ribeiro. A descrição da sala de jantar na *villa* de *Avitacum*⁵⁷ torna óbvia a importância dos momentos de *convivium* que a *cenatio* proporciona no reforço dos laços aristocráticos. Estes ambientes recorrem a soluções espectaculares, como a descrição da cascata no interior da sala da *villa Leontina*⁵⁸, mostrando o jogo de inter-relações entre a estrutura construída e a natureza que para o seu interior é transportada, na continuação das tradições anteriores. Mas também esta sala permite a relação visual com o exterior,

⁵² Para ambas as referências, *Ep.* I, 12.

⁵³ Em várias cartas o autor queixa-se dos dispêndios nas reparações, mas que são necessários, mesmo que isso o faça "renunciar ao ócio" (*Ep.* I, 10).

⁵⁴ Embora o próprio Sidónio tivesse sido feito prisioneiro pelos Godos, na sequência da tomada de Clermont em 474, a sua biografia mostra-nos como foi uma das personagens centrais na conjuntura política do seu tempo, durante a qual foi um dos mais reputados homens de letras, poeta e diplomata, na intersecção dos estudos da literatura clássica com a função eclesiástica de bispo.

⁵⁵ *Ep.* II, 2. Refira-se contudo que já foram salientadas as semelhanças de estilo com as descrições plinianas, pelo que existem elementos retóricos que o autor utiliza para descrever os cenários que impedem que consideremos a sua descrição como um relato absolutamente fidedigno (HARRIES, 1994, 131).

⁵⁶ *Carm.* XXII.

⁵⁷ *Ep.* II, 2, 11.

⁵⁸ *Carm.* XXII 206-210.

visto que dela se desfrutava uma amplíssima paisagem⁵⁹, não só pela largura das janelas, mas pelo facto de estar no piso superior de um dos torreões laterais. Aliás, o *burgus* fortificado de *Pontius Leontius* apresenta-se como uma *villa*-bloco com torreões laterais e dois pisos de altura, com duplo pórtico e um revestimento integral de fachada em mármore. O autor logo nos elucida sobre o facto de esta tipologia arquitectónica não ser causada por qualquer sentimento de insegurança, pois a casa havia sido assim construída há duas gerações, embora registe a sua implantação em local elevado e o facto de estar rodeada por um muro alto. Lendo as descrições percebemos o modo como a arquitectura se diversifica, encontrando soluções fortemente criativas, das quais o caso paradigmático será o peristilo em sigma da *villa* de *Pontius*

⁵⁹ | *Carm.* XXII 210-215.

⁶⁰ | *Carm.* XXII 4-157. Sidonio regista as paredes pintadas onde se registam acontecimentos históricos onde os antecessores da família pretensamente haviam participado.

⁶¹ | *Ep.* II, 9.

⁶² | Sobre estes espaços na *Lusitania* ver CARNEIRO, 2014b, com bibliografia; para uma visão mais ampla ver CASSON, 2001: 69-74, que reúne vários exemplos de bibliotecas privadas para o final da República.

⁶³ | *Ep.* II, 2, 9.

⁶⁴ | FONTAINE, 1980; ver também ROLET, 1996, 110, que sublinha a ligação entre os valores religiosos arcaicos romanos que buscam a ligação contemplativa à paisagem rural, na linha de Cícero ou Horácio, reatualizada com os valores cristãos que encaram os retiros em meio rural numa perspectiva monástica e preparatória da acção social do bispo.

⁶⁵ | Os exemplos são vários, mas pode mencionar-se o caso de *Leontius*, que reconstruiu três propriedades, sendo que uma, a *villa* de Preignac mencionada por Venâncio Fortunato (*Carm.* 1.6, linhas 8-13), merece o elogio ao *dominus* por fazer renascer novamente as fontes e os banhos (linhas 18-20); ver também GUTTERIDGE, 2006, 581. Este *Leontius* nada tem a ver com o *Pontius Leontius* descrito por Sidonio, havendo cerca de cem anos a separá-los. Para *Leontius*, veja-se MARTINDALE, 1992, 774 (*Leontius* 4).

Leontius, que tanto impressionou o autor⁶⁰, e que encontra paralelos em residências na *Aquitania* e em alguns casos na *Hispania*. Da mesma forma evidencia-se o papel dos serões literários, na fruição do *otium litteratum* e do debate⁶¹ em espaços que possuem a função de bibliotecas⁶² e salas de convívio restrito. A este respeito, é muito interessante a menção a estruturas duplas, reservadas para homens e para mulheres separadamente, indicando mudanças nas formas de convivência, com um *triclinium matronalis* distinto do espaço para o convívio masculino⁶³, bem como de duas salas de leituras separadas e equipadas com bibliotecas onde até os temas literários são distintos (de inspiração religiosa no caso feminino, de eloquência no masculino).

Um século mais tarde ainda temos descrições, por Venancio Fortunato (*Venantius Honorius Clementianus Fortunatus*, c. 530-c. 600), bispo e autor de poemas e hinos, que nasceu na península itálica mas passou a idade adulta na corte merovíngia. A sua viva descrição dos ambientes é de grande valor por mostrar-nos como as antigas formas de representação do *dominus* e de vivências nas *villae* se mantêm, apesar das alterações culturais e políticas havidas entretanto. O mundo de Venancio é o mundo das *villae*, traçando-nos um panorama de continuidade com os séculos anteriores. Os domínios fundiários continuam a ser os lugares privilegiados para o retiro e meditação contemplativa, o *propositum asceticum*⁶⁴ que nestes tempos ganha renovada espiritualidade. Todavia, várias destas *villae* são o resultado de uma política que na esfera privada reproduz as políticas teodosianas de *Renovatio Imperii*, na medida em que se reconstróem ou remodelam edifícios construídos em épocas anteriores⁶⁵. Este facto deve alertar-nos

para a existência de evidências arqueológicas que muitas vezes mostram momentos de descontinuidade e que devem ser interpretados neste espírito do tempo. Contudo, também algumas inovações reflectem a conjuntura do seu tempo: Venancio descreve-nos a *villa* do Bispo Nicetius, nas proximidades de Trier, dotada de torreões monumentais, tendo uma aparência militarizada⁶⁶. Na região, outros *domini* dotaram as suas *villae* de fossos que envolvem a residência. Mas lendo com atenção, o facto mais impressionante reside no modo como, em pleno final de século VI, as *villae* continuam a ser habitadas ao modo clássico: Leontius contempla a paisagem descontraidamente reclinado no *stibadium*, que domina uma sala onde os peixes nadam em tanques⁶⁷. Neste espaço, jogos de água jorram de uma fonte, criando uma atmosfera plácida e doce, um *locus amoenus* bucólico que em tudo se liga à atmosfera dos poemas de Virgílio⁶⁸, como se o processo histórico se tivesse suspenso e estivéssemos em quadro absolutamente pagão e classicizante. Mais surpreendente ainda: Leontius é um bispo⁶⁹, que vive num reino bárbaro de francos.

ENTRE A “BARBARIZAÇÃO” E O CRISTIANISMO: EVOLUÇÕES FINAIS

Em todo o *modus vivendi* clássico, é no domínio da *villa* que o cristianismo encontra com mais facilidade o seu *habitat* natural e por isso entra de modo mais afirmativo. Esta ideia pode à primeira vista parecer contrastante: se a *villa* era o local por excelência do *otium* e do prazer sensorial, os valores cristãos poderiam colidir com esse ideal. Todavia, e como vimos, os elementos *bucólicos* e

a ligação ao mundo agrícola e natural envolvem uma espiritualidade profunda; e quando lemos certas passagens do Antigo Testamento⁷⁰, fácil se torna verificar a identificação espiritualista entre a vivência idealizada do campo nos dois universos culturais. A vida agreste que se exige ao *possessor* implica a concórdia com o mundo envolvente. Este ideal é no fundo uma ressonância dos preceitos catonianos, onde a *moderatio* humilde estava bem presente, mas também o “retiro do mundo” necessário à leitura e meditação, conforme propunha o ideal pliniano, se assemelha ao retiro para a oração necessário para uma vivência monacal, ou ainda à *vita apostolica* que materializa o ideal ascético. Contudo, o quotidiano tardo-antigo acrescenta uma nova componente, pois o retiro deixa de ser um caminho individual, para agora o *dominus* assumir responsabilidades perante a comunidade envolvente, visto que no novo ordenamento espiritual o aristocrata possui um ascendente espiritual e uma responsabilidade moral sobre os *rustici* em volta. Em Prudencio ou em Paulino de Nola percebemos como surge esta nova vivência, iniciando um caminho que, cem anos depois, encontramos plenamente consolidado com Martinho de Tours, embora aqui com uma componente colectiva que advém da concretização da estrutura monástica. Todavia, apenas temos

⁶⁶ | *Carm.* III, 12.

⁶⁷ | *Carm.* I, 19, 9-12.

⁶⁸ | ROLET, 1996: 114.

⁶⁹ | Leontius II da diocese de Bordéus, 542-564.

⁷⁰ | Certains éléments « bucoliques » scripturaires, tels les bestiaires, les sources et eaux vives, les bons pasteurs et brebis égarées, les vignes et figuiers des Évangiles, la terre promise des Psaumes, les jardins du Cantique des Cantiques, trouvent des échos si évidents dans le monde des jardins arcadiens qu’il devient difficile de distinguer entre les deux sources d’inspiration. (ROLET, 1996, 117)

uma referência indirecta a edifícios de culto cristão: a menção a *templa dei* no *burgus* de Pontius Leontius⁷¹. Ou seja, a cristianização dos campos, elemento tão decisivo na sua transformação, é, do ponto de vista literário, um processo mudo, enfatizando-se, afinal, a vivência nas *villae* ao modo clássico.

Neste processo conseguimos perceber como o conceito pagão da *villa* enquanto lugar de *otium litteratum* se fragmenta e desaparece, conservando contudo o seu eixo fundamental: o lugar de retiro propício à meditação e ao contacto com os valores mais básicos da natureza (humana e natural) que só o quotidiano no campo, longe da cidade idealizada enquanto local de vícios, propicia e alimenta. A vocação *taumatúrgica*⁷² ganha força, transferindo os conteúdos da visão pagã erudita para um sentimento cristão ascético, com algo de misticismo e racionalismo neo-platónico. Este processo ocorre por todo o Império a partir do século IV, persistindo na *Galia Aquitania*, por motivos específicos, onde perdura até meados do século VII.

Um dos melhores retratos que nos mostram a extensão da mudança nos arquétipos reside na descrição que Sidonio Apolinar nos deixou da visita à propriedade de Maximus, um antigo oficial que se retirou para a sua *villa* na região de Toulouse⁷³. O seu amigo apresentava-se agora de um modo totalmente despojado, tendo deixado crescer uma longa barba, e converteu-se a uma dieta vegetaria-

na. Vivia um quotidiano ascético e austero, sem qualquer concessão ao conforto, habitando com uma frugalidade que impressionou Sidonio. Os padrões de vida encontram-se em mudança: a evocação de Sidonio Apolinar de que os edifícios termas nas *villae* dos seus anfitriões, Apollinaris e Ferreolus⁷⁴, não estavam em funcionamento, mostra as alterações na segunda metade do século V. Mas este facto deriva também da crescente impreparação técnica da mão de obra especializada, como se depreende da passagem na qual lamenta o facto de não encontrar pessoas que saibam reparar estruturas antigas⁷⁵. O despojamento torna-se a regra e, como em outro lugar chamei a atenção⁷⁶, devemos ter precaução no modo como, por vezes apressadamente, se interpretam certos fenómenos arqueológicos no domínio dos “retrocessos” ou das “perdas”, pois na verdade poderão reflectir novas formas de vivência quotidiana mais despojadas e humildes.

Estamos portanto na última fase de vivência humana nas *villae*, um momento no qual o antigo luxo e aparato começam a deixar de fazer sentido. O poder cristão toma o lugar central na vivência nos campos, e a fase de monumentalização dos ambientes áulicos passou, para dar lugar a uma vivência progressivamente mais despojada e humilde, onde o ascetismo aristocrático enquanto ideal de virtude está em ascensão. A vida no campo continua a ser encarada como a plena realização do *dominus*, que agora se faz com uma espiritualidade ascética progressivamente mais centrada na prodigalidade da acção caritativa e numa prática que se afasta decisivamente do conhecimento do fundo literário clássico para abraçar as ideias cristãs e a progressiva analfabetização de uma sociedade onde a cultura erudita deixou

⁷¹ Sidonio, *Carm.* XXII. 218.

⁷² ROLET, 1996.

⁷³ *Ep.* IV, 24, 3-4.

⁷⁴ *Ep.* II. 2, 9, 8: *Balneas habebat in opere uterque hospes, in usu neuter.*

⁷⁵ A propósito de um baptistério: *Ep.* IV. 15. 1: *quod vix alius auderet vetusta sarcire.*

⁷⁶ CARNEIRO, 2014, 249.

de ter lugar. É sintomático que em Venancio Fortunato –o último bastião desta *cultura agri* de elevados conteúdos eruditos, que ainda procura conciliar “os cantos de Virgílio com os cantos dos textos sagrados”⁷⁷– nos surjam outros *domini* para quem o mundo literário pagão se tornou distante e que estão a operar a substituição da cultura literária clássica pela mundividência cristã. De forma paradigmática, um dos primeiros mosteiros fundados na península itálica, por Benedito de Nursia (c. 480 - c. 543) em Subiaco, irá aproveitar as ruínas da antiga *villa* que pertenceu a Nero.

UMA LEITURA GERAL

No seu livro II das *Sátiras*, Horácio dedica o texto VI à fábula de um rato da cidade que convence um rato do campo a emigrar para a urbe, onde encontraria todos os luxos e conforto que o meio rural não lhe oferecia. Apesar de rendido aos prazeres da vida urbana, um incidente leva o rato do campo a regressar à sua terra, onde reencontra a tranquilidade e a vida simples que perdera.

Todos nós conhecemos esta alegoria, cunhada por um poeta que, oriundo de um meio rural (nasceu na Venússia, no sul da península itálica), viveu no coração do poder de Roma, inclusivamente com acesso privilegiado a Augusto. Mas nele sempre esteve o sentimento de pertença ao campo. Quando Mecenas lhe oferece a sua *villa* na Sabina, é a essa vivência bucólica que Horácio se sente pertencer e regressa em plenitude, ao modo de vida tranquilo que permite a plena fruição do *carpe diem*, expressão que o próprio celebrou⁷⁸.

Desta forma metafórica vemos a oposição clássica entre a cidade como lugar de bulício, de agitação e de frivolidade, *versus* um campo que permite a criatividade, o desfrute e o pleno prazer da vida tranquila. Seja qual for o autor ou o tempo em que escreve, este arquétipo está entranhado no mundo clássico: entre Cícero e Venancio Fortunato decorrem mais de seis séculos. No entanto, pondo em paralelo os textos dos dois autores, torna-se surpreendente ver que o modo como as *villae* são encaradas se mantém: lugares de retiro, de contacto com a natureza e de regresso aos valores primaciais de um arquétipo conservador e idealizado. É certo que pelo caminho alguns valores se perderam: a sociabilidade, o espaço da *villa* como sede de *convivium* e de *otium litteratum*, substituídos por um caminho de ascese individual que o *dominus* deve empreender, pastor de almas na ligação com os *rustici* que deles dependem espiritual e materialmente, mas dos quais separa uma noção de superioridade social e moral. Outros valores se transferiram: a *villa* como lugar de letras, de leitura e criação poética, que encontramos desde Plínio a Ausonio, foi substituída pelo local de meditação individual. A própria sede das *villae* se alterou: as grandes *pars urbanae* que se monumentalizam na península itálica no século I transferem-se para a *Gallia* e *Hispania* durante as centúrias seguintes, e daí para a *Germania* e a *Britannia*, abrangendo toda a metade ocidental do Império. É na *Aquitania* que, por uma conjugação específica de factores, ainda as encontramos até ao século VII, progressivamente substituídas por mosteiros e sedes de paróquias. A vocação agrícola, o

⁷⁷ ROLET, 1996, 126 (adaptado).

⁷⁸ *Odes* l. 11.8.

ideal sempre presente nos tratados dos *agrónomos*, passa de uma componente autárquica para o objectivo do lucro, do *negotium* que prestigia o *dominus*, até regressar à vertente da auto-suficiência que deve bastar para alimentar a comunidade envolvente, que do domínio fundiário depende para receber o alimento que nutre os corpos e as almas.

Neste campo, todo o século VII constitui uma encruzilhada de influências que determinam novas formas de habitar o mundo rural e novos processos de relacionamento inter-pessoais, mas nos quais reconhecemos um traço marcante: a *villa* enquanto modo *clássico* de vivenciar o território campesino, perdeu-se definitivamente.

FONTES CONSULTADAS

Ausonio - *Epistolae*, trad. Hugh Evelyn-White, Loeb Classical Library 96, 115

Catão - *De Res Rustica*, trad. Andrew Dalby, Prospect Books

Cícero - *Epistolae*, trad. D. R. Shackleton Bailey, Loeb Classical Library 205, 216, 230

Cícero - *Ad Atticus*, trad. D. R. Shackleton Bailey, Loeb Classical Library 7, 8, 97, 491

Columela - *De Res Rustica*, trad. Harrison Boyd Ash, Loeb Classical Library 361, 407, 408

Estácio - *Silvae*, trad. D. R. Shackleton Bailey, Loeb Classical Library 206.

Paladio - *Opus agriculturae*, trad. John Fitch, Prospect Books

Plínio o Jovem - *Epistolae*, trad. Betty Radice, Loeb Classical Library 55, 59

Sidónio Apolinar - *Epistolae*, trad. W. B. Anderson, Loeb Classical Library 296, 420

Simaco, *Epistolae*, trad. Jean-Pierre Callu, Les Belles Lettres

Varrão - *De Res Rustica*, trad. W. D. Hooper, Loeb Classical Library 283

Venâncio Fortunato - *Carminae*, trad. Michael Roberts, Dumbarton Oaks Medieval Library 46

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, G. W. (2008), *Rome and the social role of Elite Villas in its suburbs*, BAR International Series 1760, Oxford.

BALMELLE, C. (2001), *Les demeures aristocratiques d'Aquitaine. Société et culture de l'Antiquité Tardive dans le Sud-Oest de la Gaule*, Aquitania, suppl. 10, Bordeaux.

BRACONI, P., UROZ SÁEZ, J. (1999), *La uilla di Plinio il Giovane a San Giustino. Primi risultati di una ricerca in corso*, Perugia.

BROWN, P. (1992), *Power and Persuasion: Towards a Christian Empire*, University of Wisconsin Press.

BRUN, J. P. (2004), *Archéologie du vin et de l'huile dans l'Empire romain*, Paris.

CARANDINI, A. (1985), *Settefinestre. Une villa schiavistica nell'Etruria romana*, Modena.

CARNEIRO, A. (2009-2010), "A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto", *Hispania Antiqua* 33-34, 237-272.

— (2010), "Em *pars* incerta. Estruturas e dependências agrícolas nas *villae* da Lusitânia", *Conímbriga* XLIX, 225-250.

- (2014a), *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*, *Humanitas Supplementum* 30, Coimbra*.
- (2014b), “*Otium, materialidade e paisagem nas villae do Alto Alentejo português em época romana*”, *Espacio, tiempo y forma. Série II - Historia Antigua* 27, 207-231.
- CASSON, L. (2001), *Libraries in the Ancient World*, New Haven-London.
- D'ARMS, J. (1970), *Romans on the bay of Naples. A social and cultural study of the villas and their owners from 150 BC to AD 400*, Cambridge-Massachusetts.
- FONTAINE, J. (1980), “Valeurs antiques et valeurs chrétiennes dans la spiritualité des grands propriétaires terriens à la fin du IV siècle occidental”, *Études sur la poésie latine tardive d'Ausone à Prudence*, Paris, 267-308.
- GORGES, J. G. (1979), “Villes et villas de Lusitanie: interactions –échanges– autonomies”, in *Les villes de Lusitanie romaine: hierarchies et territoires*, Paris, 91-113.
- GRIMAL, P. (1953), “Les villas d'Ausone”, *Revue des Études Anciennes* 55, 1-2, 113-125.
- GUTTERIDGE, A. (2006), “Some aspects of social and cultural time in Late Antiquity”, in BOWDEN, W.; GUTTERIDGE, A.; MACHADO, C. (Eds), *Social and political life in late Antiquity*, Leiden-Boston (Late Antique Archaeology vol. 3.1.), 569-601.
- HARRIES, J. (1994), *Sidonius Apollinaris and the fall of Rome AD 407-485*, Oxford.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984), *Inscrições Romanas do Conuentus Pacencis*, Coimbra.
- LOMAS, F. J. (1990), “*Secessus in villam*: la alternativa pagana al ascetismo cristiano en el círculo de Ausonio”, *Antigüedad y Cristianismo VII (Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano)*, Murcia, 273-286.
- MARTINDALE, J. R. (1992), *The prosopography of Later Roman Empire*, Cambridge, Vol. IIIb.
- MARZANO, A. (2007), *Roman villas in central Italy. A social and economic history*, Leiden-Boston.
- MOLINA VIDAL, J. (2015), “La villa romana y la diversidad del paisaje agrícola romano”, in TENDERO FERNANDÉZ, F. (coord.), *Villa Petrarica. Síntesis del pasado romano de Petrer (Alicante)*, Petrer, 19-30.
- MORAND, I. (1994), *Idéologie, culture et spiritualité chez les propriétaires ruraux de l'Hispanie romaine*, Paris (Publications du Centre Pierre Paris 27).
- NEWLANDS, C. (2004), *Stattius's Silvae and the poetics of Empire*, Cambridge.
- PERCIVAL, J. (1988), *The roman Villa. An historical introduction*, London.
- (1996), “Houses in the country”, in BARTON, J. (Ed.), *Roman Domestic buildings*, Exeter.
- PEREZ LOSADA, F. (1987), “Sobre o conceito de villa no mundo romano”, *Cadernos de Arqueologia de Braga*, Série II, 4, 79-110.
- ROLET, A. (1996), “L'Arcadie chrétienne de Venance Fortunat. Un projet culturel, spirituel et social dans la Gaule mérovingienne”, *Médiévales* 15, 31, 109-127.
- SCOTT, S. (2000), *Art and society in fourth-century Britain: villa mosaics in context*, Oxford (Monograph 53).
- (2004), “Elites, exhibitionism and the society of late Roman villa”, in CHRISTIE, N. (Ed.), *Landscapes of change. Rural evolutions in late antiquity and the early Middle Ages*, London, 39-65.
- SFAMENI, C. (2006), “Comitenza e funzioni delle ville «residenziali» tardoantiche tra fonti archeologiche e fonti letterarie”, in CHAVARRÍA, A.; ARCE, J.; BROGILOLO, G. P. (Eds.), *Villas tardoantigas en el Mediterráneo Occidental, Anejos del*

* A edição em e-book encontra-se disponível para download em dois volumes, no seguintes endereços: https://digitalis.uc.pt/ptpt/livro/lugares_tempos_e_pessoas_povoamento_rural_romano_no_alto_alentejo_vol_i; https://digitalis.uc.pt/ptpt/livro/lugares_tempos_e_pessoas_povoamento_rural_romano_no_alto_alentejo_vol_ii.

Archivo Español de Arqueología XXXIX, Madrid, 61-72.

SHERWIN-WHITE, A. N. (1998), *The letters of Pliny. A historical and social commentary*, Oxford.

SIVAN, H. (1993), *Ausonius of Bordeaux. Genesis of a gallic aristocracy*, London & New York.

SOGNO, C. (2006), *Q. Aurelius Symmachus: a political biography*, Michigan.

TERRENATO, N. (2001), "The Auditorium site in Rome and the origins of the villa", *Journal of Roman Archaeology* 14, 5-32.